

## TENSÕES E PERSPECTIVAS DO DISCURSO EM SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA<sup>48</sup>

Rubens Martins da SILVA<sup>49</sup>

Janete Silva dos SANTOS<sup>50</sup>

**Resumo:** Este artigo reflete tensões e perspectivas da sustentabilidade na educação básica. Tomam-se, como suporte teórico, a Agenda 21; os Temas Transversais; a sustentabilidade e a AD, com foco nos estudos brasileiros. Inclui-se no corpus a leitura crítica do conto “Matadouro” e a análise de ações do PPP de um colégio estadual. Os resultados apontam a relevância da sustentabilidade, mesmo envolta em discursos contraditórios, porque fortalece o espaço ambiental a partir de ações realizadas no âmbito escolar.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; Liderança Sustentável; Educação; Discurso.

**Abstract:** *This article reflects tensions and perspectives of the sustainability in the basic education. It takes, as teoric suport, the Agenda 21; the Transversionals Them; the sustentability and the AD, focusing in the brazilian studies. Includes on the corpus the critic lecture of the tale “Matadouro”, and the analysis of actions of the PPP of a state college. The results show the relevance of sustainability, even being in conflicting discourses, because it strengthens the environmental space from actions carried in the framework.*

**Keywords:** *Sustainability; Sustainable Leadership; Education; Speech.*

---

<sup>48</sup> Artigo, elaborado em coautoria, resultante de reflexões feitas durante a Disciplina “Tópicos Especiais III: Discursos de sustentabilidade”, no PPGL-UFT, disciplina que também integra reflexões do grupo de pesquisa Linguagem, Educação e Sustentabilidade/LES-UFT.

<sup>49</sup> Doutorando do PPGL – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da UFT. E-mail: rubensliteratura@gmail.com.

<sup>50</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp. Líder do grupo de pesquisa LES-UFT. Docente do curso de Letras e do PPGL-UFT. E-mail: janetesantos@uft.edu.br

## Considerações iniciais

*“Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida”.*

*(Carta da Terra)*

A discussão a respeito do contexto da sustentabilidade educacional \_ pensando-se principalmente nas propostas de pesquisas, de estágios em licenciaturas e de práticas pedagógicas realizadas por docentes na educação básica com a finalidade de publicações científicas \_ dá assentamento à reflexão de um foco mais amplo do que se possa pensar inicialmente. Sua gênese abarca, a partir do contexto educacional, o foco de uma sustentabilidade abrangendo o espaço ambiental, social, econômica, política e cultural (SETUBAL, 2015).

Sobre os pressupostos da liderança sustentável para os gestores da aprendizagem (HARGREAVES e FINK, 2007) assimila-se, preponderantemente, o desafio de que se tenha no seio escolar a tomada de reflexões acima da simples transitividade conteudística. Isso implica, em linhas críticas, o estabelecimento de orientações para que a educação promova o desenvolvimento sustentável. Essa ênfase consiste no estabelecimento da convicção de que não é possível transformar sem educar. Somente através da educação é que se consegue garantir às pessoas as condições ideais ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Observando-se o eixo da sustentabilidade a partir dos princípios da tríplice mudança: profundidade, durabilidade e amplitude (HARGREAVES e FINK, 2007) é que se consegue congrega a perspectiva da equidade social, da cidadania plena e, com ratificação, do crescimento sustentável. Com essa ênfase, o presente artigo discute a questão da sustentabilidade em três focos.

O primeiro relacionado aos princípios da liderança em Hargreaves e Fink (2007). O segundo, com a visão comprometida de educação e sustentabilidade pelas reflexões de Setubal (2015). Por último, no enfoque sustentável contido nos documentos oficiais (BRASIL, 1997; 2004); nos aspectos de ações de projetos desenvolvidos numa escola da educação básica, bem como na análise do conto “Matadouro”, de Fidêncio Bogo (2001).

Dada nossa perspectiva em focar uma discussão balizada na tomada de reflexões para e com a sustentabilidade educacional, provoca-se o leitor à observação de que a mudança para a

sustentabilidade é tão acentuada quanto procurar agulha no palheiro. É difícil achá-la, mas a procura é o elemento fundamental.

### **Princípios da sustentabilidade**

Neste tópico, a abordagem está concentrada na reflexão sobre a sustentabilidade a partir de uma leitura dos princípios pesquisados e difundidos por Hargreaves e Fink (2007) em relação ao trabalho de gestores escolares.

As reflexões em lideranças sustentáveis a partir do trabalho de gestores escolares, amplamente pesquisada por Hargreaves e Fink (2007, p. 24-25), concentram suas perspectivas na atribuição de princípios que garantam sua exequibilidade equitativa no conjunto da profundidade, durabilidade, amplitude, justiça, diversidade, engenhosidade e conservação, constituindo-se nas bases norteadoras do aprimoramento da sustentabilidade. Segundo os autores,

A mudança em educação é fácil de se propor, difícil de se implementar e extraordinariamente mais difícil de se sustentar. Porque [...] o aprimoramento sustentável depende de liderança bem-sucedida. Porém, tornar uma liderança sustentável também é difícil. (HARGREAVES e FINK, 2007, p. 11).

Nota-se que a mudança para a sustentabilidade educacional requer a tomada de posicionamento para e além do discurso que se afirma. Requer a tomada de atitudes que sustentem a discursivização de si e para além de si. Isso implica na tomada de iniciativas voltadas ao aprimoramento da sustentabilidade a partir da gestão exercida. Na escola, o gestor é responsável pela articulação de mudanças comportamentais e atitudinais. Essas ações oportunizam ao serviço de liderança os avanços necessários.

Hargreaves e Fink (2007, p. 12) abordam a “urgência de se pensar sobre e se comprometer com a preservação da sustentabilidade e nosso meio ambiente e de muitas outras áreas de nossas vidas”. Esse foco gera as tensões e as perspectivas de cuidar da sustentabilidade no contexto social e ambiental, principalmente porque a sustentabilidade ambiental funciona como um processo futuro à vida e ao planeta.

No sentido da construção da mudança sustentável, Hargreaves e Fink (2007, p. 21) propõem a tomada de cinco atitudes fundamentais no exercício de uma liderança efetivamente sustentável:

I - Reduzir os excessos de testagem padronizada; II - Tornar-se menos punitivo com relação ao baixo desempenho escolar; III - Restaurar a diversidade educacional; IV - Esforçar-se mais para atrair e reter professores altamente qualificados durante um período de grande rotatividade demográfica na profissão; V - Conceder uma gratificação à liderança em iniciativas visíveis que apoiem e deem status à liderança e a todos os líderes em educação ao longo de suas carreiras.

Observando as atitudes sugeridas, compreende-se que a questão da sustentabilidade é elemento fundamental ao contexto do ensino. É através dos estudos com profundidade, amplitude e durabilidade que se consolida os processos de conscientização sustentável em relação ao espaço educacional e ambiental. Para além do meio ambiente, a sustentabilidade educacional concentra-se na execução de ideias, por professores e gestores, de forma durável em razão do exercício a longo prazo numa mesma escola.

O acontecimento das mudanças educacionais nessa perspectiva está centrado nos aspectos tridimensionais destacados por Hargreaves e Fink (2007) como *profundidade, amplitude e duração*. Esses três aspectos perpassam a visão de que a sustentabilidade só acontece quando as escolas, as localidades e as nações ou estados estão imbuídos dos mesmos propósitos. Para compreendermos melhor sua dimensão, esclarecimentos peculiares a esses princípios são fundamentais.

O princípio da profundidade sustentável é discutido como um processo de maior importância a qualquer contexto. É um princípio que requer a concepção de que a sustentabilidade tem seu foco na justiça e na equidade social. Nas palavras dos autores, há uma premissa de que,

Devemos preservar, proteger e promover, na educação, o que é, por si só, sustentável como um enriquecimento da vida: o propósito moral fundamental de um aprendizado amplo e profundo para todos em compromissos e relações de cuidado com os outros. (HARGREAVES e FINK, 2007, p. 24).

Através da profundidade, observa-se que a mudança comportamental dos envolvidos direta e/ou indiretamente começa com o senso inabalável do propósito moral. Isso implica na defesa discursiva de que a liderança sustentável, segundo Hargreaves e Fink (2007, p. 31) “preserva, protege e promove o aprendizado amplo e profundo para tudo o que está relacionado ao cuidado com os outros”.

A profundidade requer a aplicação de um conhecimento lento no sentido da maturidade. Isso pode até gerar a tensão, mas sua consecução oportuniza a perspectiva de consolidação dos discursos instituídos pelos gestores da aprendizagem, conforme exemplificado pelos defensores da temática:

Águas calmas correm com constância. [...]. O conhecimento lento é também essencial ao se abordarem problemas complexos e interconectados, como o aquecimento global, que exigirão quantidades cada vez maiores de inventividade técnica e social para serem resolvidos (HARGREAVES e FINK, 2007, p. 45).

Vale destacar aqui que, ao pontuar um dos aspectos fundamentais na formação do estudante de língua materna por exemplo, Silva e Santos (2015, p.110) assim desdobram os três princípios basilares da sustentabilidade, arrolados em parágrafos anteriores, dando ênfase, porém, à educação linguística:

Eis esse caráter tridimensional para uma gestão sustentável da aprendizagem: (i) o princípio da profundidade instiga a escola (e o docente tem lugar de destaque aqui) à recusa de um ensino artificial, que não agregue valor à continuidade promissora de descoberta pelo aprendiz, que tenha sido instigado por um ensino impactante que descortine para si novos horizontes de descobertas (inclua-se aqui a própria formação do professor feita pelas instituições de ensino superior). De tal princípio decorre um outro: (ii) o da durabilidade do aprendizado, no sentido de ser substancial e permanente a ponto de capacitar o aprendiz (estudante ou docente em formação) a reformulá-lo se preciso for, visto que a vida requer capacidade de se avaliar as mudanças e as necessárias adaptações que o sujeito precisa manifestar e/ou operar no meio em que vive. Tais propósitos requerem também a observância do (iii) princípio da amplitude que, no ensino da língua, apontaria, a nosso ver, para uma formação linguística global e que se difunde para os vários setores da vida do sujeito aprendiz, mesmo que situada apenas no âmbito da língua materna.

Assim, pensando no contexto da sustentabilidade na condição de processo evolutivo, necessário ressaltar ainda que o princípio da durabilidade, em sentido mais amplo, promove a reflexão para que as lideranças educacionais sejam duradouras no que se refere ao alcance de suas metas, visto que

A durabilidade preserva e faz evoluir os aspectos mais valiosos da vida ao longo do tempo, ano após ano, de um líder ao próximo. Os desafios da sucessão de liderança, de liderar por e além de líderes individuais ao longo do tempo estão no coração da liderança sustentável e da mudança educacional. (HARGREAVES e FINK, 2007, p. 24).

A durabilidade provoca a tensão de que a sustentabilidade aponta para ações refletidas com vistas às gerações atuais e futuras. Por isso, o discurso constituído é o que sai do sem-lugar para o lugar de fundação (ORLANDI, 2015). Isso implica o desafio de manter tanto o discurso como as ações sustentáveis ao longo do tempo.

Através dos processos educacionais, leva-se em conta a prática dos gestores durante suas atuações à frente das escolas. No Tocantins<sup>51</sup>, por exemplo, será que as gestões educacionais mantêm o princípio da durabilidade? Não. Esse é o discurso presente em boa parte das escolas. Isso implica a percepção de que a constante troca de gestores em razão do poder político não contribui para a centralidade da gestão.

A perspectiva de implementação de mudanças pela sustentabilidade requer a permanência de gestores por, no mínimo, alguns anos à frente de uma determinada escola. Esse tempo gera condições para a concretização de projetos e de ações específicas, pois, como ressaltam os autores em comento,

Líderes que estão alcançando um sucesso significativo em uma escola devem ficar normalmente por pelo menos cinco anos se se quer que suas melhorias sobrevivam depois de sua partida. Líderes destacados deveriam antecipar menos sucessões em qualquer período de suas carreiras, de forma que os líderes permaneçam em escolas específicas tempo suficiente para assegurar que os efeitos de sua liderança irão perdurar. (HARGREAVES e FINK, 2007, p. 79).

Não basta, também, a manutenção do tempo de gestão sem a ligação com o corpo escolar. A real liderança sustentável é a que se mantém fortalecida pela possibilidade de sua sucessão, ou seja, ela prepara sucessores capazes de dar continuidade a projetos que beneficiam à coletividade presente e futura, fazendo com que sejam denominadas de sustentáveis, tanto as lideranças quanto os projetos. Para a perspectiva da amplitude, espera-se que a liderança estabeleça sua continuidade no início de uma nova gestão. Implica, portanto, a tensão de criação de projetos sustentáveis para as sucessivas gestões.

A partir da perspectiva do *self*<sup>52</sup>, o discurso de sucessão segue a configuração de preparo à sucessão da liderança. Por isso, a amplitude é o princípio norteador dessa consecução.

Os gestores precisam trabalhar para uma liderança espalhada entre os componentes da escola em que atuam. O sucesso da liderança não se consolida na tensão solitária do líder. Há, para seu sucesso, a perspectiva da distribuição de atribuições. Na sala de aula, a

---

<sup>51</sup> O Estado de Tocantins é tomado como foco deste artigo porque as discussões apresentadas no item 3 – “Práticas de sustentabilidade na escola” evidenciam ações do PPP desenvolvidas pelo Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, localizado no município de Araguaína-TO.

<sup>52</sup> A perspectiva do *self* (o termo em inglês significa olhar de e para si mesmo) em Hargreaves e Fink (2007, p. 79) indica que “a liderança confere poder. Faz você se sentir vivo. Você influencia seu destino e molda o destino dos outros”. Por essa razão, a gestão em exercício deve olhar para si mesma e para a sua sucessão. Assim, a gestão é sustentável quando seu trabalho se mostra durável a ponto de concretizar sua amplitude em seus sucessores. Essa mesma perspectiva se aplica à sustentabilidade da aprendizagem, pois o que o sujeito aprende é para si e em prol dos demais.

responsabilidade dos estudantes em multiplicarem com as famílias os valores da sustentabilidade ambiental, por exemplo, é um indicativo dessa vertente (BRASIL, 1997). Hargreaves e Fink (2007, p. 25) destacam que

A liderança sustentável no princípio da amplitude é fundamental porque ela sustenta, assim como depende da liderança de outros. Em um mundo complexo, nenhum líder, instituição ou nação pode ou deve controlar tudo. Liderança sustentável é liderança distribuída, a qual é tanto uma descrição acurada de quanta liderança já é exercida em uma sala de aula, escola ou sistema escolar.

Entendemos, portanto, que o foco da amplitude sustentável requer a constituição de um discurso centrado no acontecimento (ORLANDI, 2015) dos atos praticados durante a gestão. Pensa-se nesse ponto a partir da visão de assertividade. Assim, a liderança assertiva é que concretiza seus objetivos sem ocasionar injustiça aos professores e/ou estudantes.

Na perspectiva de um discurso que fale do lugar da sustentabilidade a partir do lugar da escola, ou da sala de aula, Hargreaves e Fink (2007, p. 27) compuseram os resultados de suas pesquisas ao longo de 15 anos, abordando “quatro princípios que preenchem o sentido completo da sustentabilidade e seus desafios para lideranças em escolas”. Objetivamente, estabeleceram os estudos nos princípios da justiça, da diversidade, da engenhosidade e da conservação.

No alinhamento desses princípios à questão da sustentabilidade, observa-se a perspectiva de um discurso alinhando a definições específicas e centradas nos resultados que se deseja alcançar, conforme detalhado pelos autores:

Através do princípio da justiça, compreende-se que a liderança sustentável não prejudica e, na verdade, beneficia ativamente o ambiente ao redor. Pela diversidade, a liderança sustentável promove alinhamentos coesos. No princípio da engenhosidade, a liderança sustentável desenvolve e não esgota recursos humanos e materiais. Finalmente, através do princípio da conservação, a liderança sustentável honra e aprende com o melhor do passado para criar um futuro ainda melhor. (HARGREAVES e FINK, 2007, p. 25).

Os objetivos mais densos não são construídos pela força ou pelo autoritarismo (que tal pensarmos na força da “politicagem”?). Os discursos que envolvem o debate, a apresentação de propostas para uma proposta de liderança são os indicadores necessários ao exercício de gestões isentas de “apadrinhamentos políticos”, o que, em certos contextos, como no do Tocantins, ainda parecem pouco exequíveis, mas sua instauração é necessária e urgente. A sustentabilidade educacional é feita, portanto, a partir de bases sólidas, segundo destaca os teóricos:

A liderança sustentável não engana. Ela põe o aprendizado no centro de tudo o que os líderes fazem. O aprendizado de estudantes vem em primeiro lugar; depois, o aprendizado de todos, em apoio àquele. Assim, a liderança para o aprendizado significa criar oportunidade de aprendizagem poderosas e igualitárias para estudantes, profissionais e para o sistema. (HARGREAVES e FINK, 2007, p. 34).

A conscientização a respeito dos significados/discursos sustentáveis perpassa o viés de uma sólida aprendizagem. É imprescindível que ela seja avançada, afinal, como enfatizado por Hargreaves e Fink (2007, p. 38), “o aprendizado é uma preparação para a vida e também uma parte da vida”. Com isso, a propagação dos estudos em sustentabilidade remete ao discurso de um amplo sentido à vida.

Os quatro pilares educacionais instituídos por Delors (2003), a saber: aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a ser; aprender a conviver, indicam a necessidade de se instituir o quinto pilar: “aprender a viver sustentavelmente”, o qual, segundo Hargreaves e Fink, promove o principal mecanismo de convívio respeitoso em relação à proteção ambiental:

O aprender a viver sustentavelmente consiste em aprender a respeitar e proteger a terra que nos dá vida, trabalhar com outros diversos para assegurar os benefícios de longo prazo da vida econômica e ecológica em todas as comunidades, adotar comportamentos e prática que minimizem nossa pegada ecológica em todas as comunidades. (HARGREAVES e FINK, 2007, p. 41).

Em sustentabilidade, o processo educacional remete à tomada de discursos em que o lugar do (não)discurso do sujeito (desde o papel de gestores, de professores e de estudantes) expresse a relação com o lugar de onde fala e para onde fala. Isso é o que promove o ato de (in)sustentar as formações discursivas, ideológicas e sociais do próprio discurso. Por isso, espera-se que os envolvidos com os princípios sustentáveis realizem discursos além do próprio discurso e diretamente prático.

No conjunto dos princípios aqui pontuados, a sustentabilidade, trabalhada na e pela educação básica, sugere a constatação dos fins a que se aplicam/projetam. Afinal, para que se discute a sustentabilidade?



## Educação e sustentabilidade

O ensino sobre sustentabilidade na educação básica requer a observação de premissas extremamente centradas em procedimentos que valham sua gênese. Por esse foco, Setubal (2015) ressalta a urgência de se trabalhar na e pela educação a sua dupla relação, defendendo que

A educação deve preocupar-se com a inserção das crianças e jovens na sociedade, especialmente nos espaços coletivos, e ao mesmo tempo preservar os costumes e o legado da humanidade, ressignificando-os. Hoje, a escola estuda muito o passado, mas pouco se renova no sentido de pensar e contribuir para planejar o futuro, tendo em vista o desenvolvimento da sociedade sob outros moldes. A educação também vive um momento de crise em nível comum. Afinal, o que queremos que nossas crianças e jovens aprendam para exercer a cidadania do século XXI? (SETUBAL, 2015, p. 18).

As provocações apontadas por Setubal (2015) indicam a urgência da tomada de procedimentos que façam da educação um mecanismo de reflexão para além do momento presente. Na verdade, tem-se o princípio de que a sustentabilidade, a partir dos processos educacionais, seja pensada, por exemplo, pelo princípio da justiça (HARGREAVES e FINK, 2007).

Neste tópico, o discurso em tessitura abarca a questão da sustentabilidade na linha do contexto ambiental. Para tanto, percorre a visão ética de responsabilidade pessoal e social em relação ao meio ambiente e a um futuro sustentável.

Na perspectiva de que a sustentabilidade posiciona o sujeito para um modo de ser, para um modo de dizer o lugar/estado do qual gera seu discurso em defesa de si e da comunidade, Setubal (2015, p. 15) aponta a expansão da conceituação acima da “prosperidade econômica, da qualidade ambiental e da justiça ambiental”. Nesse sentido podemos enfatizar aqui que há, na linha discursiva apontada por Pêcheux (2008), a tensão em descobrir a quem, por quem se projeta a intencionalidade sustentável. A intenção é identificar quem fará a defesa da sustentabilidade ou quem dela se utilizará, ou, ainda, questionar: quais recursos/objetivos ela proporcionará?

Em marcações educacionais, a sustentabilidade é refletida para níveis avançados. As caracterizações seguem o contexto, segundo Setubal (2015, p. 16-17), “ambiental, social, econômico, político e cultural”. Estas classificações, segundo ele, denotam suas significações ao processo de ensino:

A sustentabilidade ambiental é pautada na conservação da biodiversidade das vegetações e florestas dos diferentes biomas, assim como de seus habitats. A sustentabilidade social amplia o conceito de necessidades básicas para considerar a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas e dos territórios, de modo a garantir a promoção do desenvolvimento e dos direitos humanos. Já a sustentabilidade econômica leva em conta os novos parâmetros dos recursos naturais, os ciclos de vida, os limites do ecossistema e o consumo consciente. A sustentabilidade política busca o fortalecimento da democracia, da resolução de conflitos, da paz e da cidadania. Por último, a sustentabilidade cultural abarca o respeito à diversidade cultural e ao pluralismo, assegurando a equidade de gênero, as etnias e a valorização das populações tradicionais. (SETUBAL, 2015, p. 17).

Na linha dos contextos epigrafados ao foco ambiental, social, econômico, político e cultural, o discurso praticado na educação básica referencia o sentido de se tomar a sustentabilidade, seu propósito, como eixo articulador das condições de vivência do tempo presente rumo a uma proposta de futuro efetivamente sustentável. Essa perspectiva favorece a percepção de que o século XXI concentra o espaço do diálogo, por conseguinte, a compreensão de que a inter/transversalidade marca as conexões fundamentais de uma sociedade que vive em paradigma emergente.

No contexto de uma educação que promova reflexões ambientais e prol de escolas sustentáveis, as tensões existentes no seio do trabalho percorrem os desafios de se transformar as visões individualistas em priorização cooperativa. Assim, as “escolas sustentáveis poderiam ajudar a formar sujeitos sustentáveis com a visão de mudar o mundo” (SETUBAL, 2015, p. 24). Prossegue ainda o autor, defendendo:

Pensar a escola como espaço educador sustentável demanda mudanças revolucionárias de princípios, percepções e valores. Ao habitar o mundo, nós não apenas agimos sobre ele ou realizamos coisas para ele, mas, mais do que isso, nós nos movemos junto com ele. Nossas ações não transformam o mundo, elas são parte do mundo transformado a si mesmo. (SETUBAL, 2015, p. 24).

Talvez a perspectiva dessas mudanças seja, ainda, uma das mais desafiadoras para a concretização de uma pretendida educação sustentável. O discurso de algumas práticas chega até a ser visto como elemento difusor. No entanto, o incentivo, o estímulo e o envolvimento da maioria não se efetivam. As poucas iniciativas esbarram na burocracia ou na filiação dos sujeitos a crença de que não é possível, ou seja, de que não é inviável.

A expectativa de escolas sustentáveis projeta-se, nas abordagens de Setubal (2015), pelos delineamentos referenciais de Gadotti (2009), abarcando a gestão sustentável do ambiente

de aprendizagem em segurança alimentar, água, energia, interação humana, economia local e biodiversidade. Destaca o autor:

A gestão sustentável do ambiente de aprendizagem é possível pela importância de seus referenciais. a) segurança alimentar: distribuição equitativa, saúde e nutrição, agroecologia, restauração de solo; b) água: bacias hidrográficas saudáveis e oceanos vivos; energia e tecnologia limpa: fontes renováveis de energia, consumo eficiente de energia, uso ético de recursos naturais; interação humana: direitos humanos, gestão democrática, participação comunitária, cooperação e solidariedade, partilha do conhecimento; economia local: consumo sustentável, comércio justo, cooperativismo; biodiversidade: respeito às formas de vida, manutenção de espécies e ecossistemas, manejo ecológico dos ecossistemas. (SETUBAL, 2015, p. 25).

A visão espiralar de Gadotti (2009), citado por Setubal (2015), dissemina a relação entre escola e sustentabilidade quando o trabalho pedagógico é realizado pela visão de uma escola em que o ambiente de aprendizagem é, também, sustentável.

Na tentativa de ressignificação de vozes que, talvez, propaguem o contradiscurso, projeta-se a discussão da sustentabilidade na educação para o estabelecimento de diálogos no espaço da sala de aula. Assim, acredita-se, o que se fizer na escola chegará, pelo menos em gotas, no seio da sociedade.

### **Práticas de sustentabilidade na escola: dos pressupostos oficiais ao estético**

Nesta última parte do presente artigo, as reflexões a respeito da sustentabilidade demandam a tomada de ações práticas no seio escolar. A partir dos documentos oficiais (BRASIL, 1997; 2004), percebe-se que sua abordagem faz parte insigne da realidade das escolas. Tanto é que a COM-VIDA estabelece a percepção de como as escolas se organizam para a realização de estudos/ações voltadas às discussões sustentáveis.

A COM-VIDA é uma nova forma de organização na escola e se baseia na participação de estudantes, professores, funcionários, diretores, comunidade. Quem organiza a COM-VIDA é o delegado ou a delegada e seu suplente da Conferência de Meio Ambiente na Escola, com o apoio de professores. Seu principal papel é contribuir para um dia-a-dia participativo, democrático, animado e saudável na escola, promovendo o intercâmbio entre a escola e a comunidade. Por isso, a COM-VIDA chega para somar esforços com outras organizações da escola, como o Grêmio Estudantil, a Associação de Pais e Mestres e o Conselho da Escola, trazendo a Educação Ambiental para todas as disciplinas. (BRASIL, 2004, p. 09).

Notadamente, as perspectivas da COM-VIDA reverberam a centralidade em sustentabilidade. Assim, sua prática na escola a partir do ano de 2004 buscou aproximação aos efeitos pelos quais a sociedade passaria no século XXI. Com as discussões instituídas a partir da escola seria criada a Agenda 21, que, no documento, assim é descrita:

A Agenda 21 é um programa de ação para todo o planeta. Ela tem 40 capítulos, que mexem com tudo, do ar ao mar, da floresta aos desertos; propõe até estabelecer uma nova relação entre países ricos e pobres. Na Agenda 21, como em qualquer agenda, estão marcados os compromissos da Humanidade com o Século XXI, visando garantir um futuro melhor para o planeta, respeitando-se o ser humano e o seu ambiente. (BRASIL, 2004, p. 15).

A ênfase da COM-VIDA está congregada na Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) através da Lei número 9.795/99, que estabelece os princípios e os objetivos da Educação Ambiental, regulamenta e formaliza a sua inclusão em todos os níveis de ensino, permeando todas as disciplinas, e em todos os setores da sociedade. Sua abrangência alcance as diretrizes dos Temas Transversais, pois, no bojo da COM-VIDA:

A perspectiva ambiental consiste num modo de ver o mundo no qual se evidenciam as inter-relações e a interdependência dos diversos elementos na constituição e manutenção da vida. À medida que a humanidade aumenta sua capacidade de intervir na natureza para satisfação de necessidades e desejos crescentes, surgem tensões e conflitos quanto ao uso do espaço e dos recursos. [...]. A forma de organização das sociedades modernas constitui-se no maior problema para a busca da sustentabilidade (e estão embutidas aqui as profundas diferenças entre países centrais e periféricos do mundo). (BRASIL, 1997, p. 173-174).

A gestão escolar trabalha, portanto, sob a tensão da abordagem a respeito da sustentabilidade. Por vezes, o dizer dos professores aos estudantes, em relação à preservação do espaço ambiental, é visto como dúvida ou como uma preocupação desnecessária. Assim, o discurso sobre a preservação dos espaços e dos recursos necessita de constante retomada. Por esse viés, o trabalho com o tema “meio ambiente” solicita a articulação de ações integradas à formação de cidadãos comprometidos com a proteção ambiental mediante a incorporação dos discursos sobre os impactos da temática em suas vidas, e que, assim, sintam-se motivados a assumir compromisso com a vida, com a preservação dos espaços socioambientais, sobretudo com o bem-estar de todos.

Os Temas Transversais (BRASIL, 1997) alinham-se à perspectiva sustentável no estabelecimento da abordagem voltada ao envolvimento da sociedade. Para tanto, o

estabelecimento do tema “meio ambiente” oportunizou, a partir dos processos educacionais, o surgimento de ações necessárias ao enfrentamento sustentável.

A principal tensão reside na tentativa de superação da crise ambiental provocada pela sociedade moderna, pois o discurso ainda destoa da prática. Na verdade, porque as práticas não atendem aos pressupostos da durabilidade, visto que

A forma de organização das sociedades modernas constitui-se no maior problema para a busca da sustentabilidade (e estão embutidas aqui as profundas diferenças entre países centrais e periféricos do mundo). A crise ecológica — a primeira grande crise planetária da história da humanidade — tem dimensão tal que, a despeito das dificuldades, e até impossibilidade de promover o desenvolvimento sustentável, essas sociedades se veem forçadas a desenvolver pesquisas e efetivar ações, mesmo que em pequena escala, para garantir minimamente a qualidade de vida no planeta. Sustentabilidade, implica o uso dos recursos renováveis de forma qualitativamente adequada e em quantidades compatíveis com sua capacidade de renovação, em soluções economicamente viáveis de suprimento das necessidades, além de relações sociais que permitam qualidade adequada de vida para todos. (BRASIL, 1997, p. 178).

O enfrentamento da falta de organização da sociedade se dá através da educação. É através dela que os cidadãos adquirem as perspectivas para uma atuação disseminadora de efeitos sustentáveis, tanto que

Todas as recomendações, decisões e tratados internacionais sobre a sustentabilidade evidenciam a importância atribuída por lideranças de todo o mundo para a Educação Ambiental como meio indispensável para conseguir criar e aplicar formas cada vez mais sustentáveis de interação sociedade/natureza e soluções para os problemas ambientais. Evidentemente, a educação sozinha não é suficiente para mudar os rumos do planeta, mas certamente é condição necessária para isso. (BRASIL, 1997, p. 181).

O discurso educacional recebe o devido reconhecimento porque faz irromper a tensão de não se atingir os resultados esperados. Através dos indicadores ambientais, discutidos na escola, é possível avançar por meio de ações ligadas à incorporação dos discursos sustentáveis pelos cidadãos, sejam eles participantes da escola, sejam eles apenas sujeitos que recebam as orientações advindas dela.

Conforme aponta Orlandi (2015), o discurso sustentável precisa atingir a premissa do analista. Aprofundar-se é o efeito esperado. Do contrário, a linguagem deixará o sujeito sem significado no contexto da história. Antes do acontecimento é necessário pensar e fazer, ou melhor, intervir para a geração do acontecimento.

Além dos pressupostos oficiais, a questão da sustentabilidade, para e pelo foco educacional, convém ser refletida pelo eixo estético. A este, a análise do conto “Matadouro” (BOGO, 2001) traz o indicativo de que os processos de ensino, a partir do discurso sustentável presente na leitura literária, são fundamentais quando se pensa na questão em epígrafe.

Bogo (2001) chama a atenção de professores e estudantes para a questão sustentável na descrição da terra, do lugar de sentido e de discurso do qual se tem e se fala para a sua manutenção, para a sua intocabilidade.

A escrita contista de Bogo (2001) discursiviza as riquezas do lugar ao apresentar a imponência da terra. A variedade arbórea busca enfaticamente provocar a noção de cuidado ambiental que exigida pela mata, pela natureza. Ao mesmo tempo, a busca harmônica entre fauna e flora se projeta à sensibilidade humana sobre os cuidados ambientais extremamente necessários, como nos sugere o trecho abaixo transcrito:

Imperava num pé de serra perdido nesses imensos sertões brasílicos uma mata secular, parecida com outras matas, mas especialmente rica em espécies vegetais: imponentes troncos que se elevavam altaneiros, pegando o vento e a chuva nas tranças de suas galhadas e dominando a planície e a ladeira por alguns quilômetros. Eram canelas, perobas, mognos, jatobás, jacarandás, angicos e tantas outras. Essas copas seculares eram as primeiras que o sol beijava ao raiar e as últimas que beijava ao se pôr. O mesmo beija-beija se dava com a lua e as estrelas. Os grandes pássaros, os animais trepadores – macacos, quatis e quejandos – preferiam seus galhos para dormir a sesta, para os momentos de lazer e os instantes de namoro (BOGO, 2001, p. 61).

A cadência contista de Bogo (2001) instiga a percepção de proteção sustentável através de uma mensagem em que o estudante perceba a ascendente beleza da mata. Assim, ao mergulhar nas sombras das frondosas árvores, o cidadão, em contato com a natureza, percebe, no discurso da palavra, a destruição através das expressões “imperava” e “eram”. O tempo passado indica a destruição que estava chegando à tão frondosa mata:

A mata era frondosa por causa da fertilidade do solo, regado por dezenas de córregos, límpidos e cantantes, que desciam as encostas marulhando por sobre as pedras e lajedos, fazendo cócegas nas raízes das árvores, sobretudo nos tentáculos dos gigantescos troncos, companheiros milenares de carícias mútuas no silêncio e solidão daquelas paragens (BOGO, 2001, p. 61).

A tensão à preservação indica, até certo ponto, a ausência de forças da própria mata em manter-se intocada pelas ações desumanas dos cidadãos. A estética de Bogo (2001) constrói o discurso de pertencimento do homem à terra pela ênfase sustentável. A beleza, o apogeu das

árvores, dos córregos, do canto das águas, dos pássaros tonifica o discurso de se trabalhar na sala de aula a aplicação de textos centrados na reflexão literária.

A destruição pela ideia do progresso que estava em fase de construção por meio do desmatamento indica ao sujeito que a destruição da mata não apenas lhe afeta, mas provoca um aspecto destrutivo mais amplo. Nesse processo, a derrubada das árvores traria consigo a morte da natureza, da fauna e da flora. A destruição da mata não afeta apenas os elementos já apontados, mas causa, também, a morte dos elementos da natureza no conjunto da água, do ar, do fogo e da terra, como se pode deduzir abaixo:

Foi uma loucura. Era tanto o ouro que a mata foi chamada de Mata d'Ouro. E os habitantes das redondezas, que viviam na fartura graças ao que retiravam da mata: madeira, essências, carne, peles e outras prodigalidades, ficaram ainda mais abastados. Tão abastados que, aos poucos, foram ficando abastados, bestificados pela ganância, como é praxe entre os racionais. Se rico para de enricar acha que está ficando pobre. E aí é um deus nos acuda. E foi um deus nos acuda (BOGO, 2001, p. 63).

A leitura deste conto em sala de aula oportunizaria o discurso de novos olhares, de novos comportamentos do homem ante ao espaço em que vive, e em atenção à proteção à natureza. Se a magnitude da natureza não for protegida, a destruição, a morte dos seres (ir)racionais será o destino da travessia existencial.

O conto “Matadouro”, aqui tomado na condição de objeto à percepção do lugar humano, condiciona os seres aos cuidados exigidos pela natureza. Isso implica, de forma direta e a indireta, e percepção de identidade com o lugar, com o contexto em que se vive e do qual se discursa o habitat.

Em questões ambientais, a temática da sustentabilidade refletida por Bogo (2001) alinha-se, por exemplo, aos grandes empreendimentos hidrelétricos que também destroem as grandes matas. Destroem a fauna e a flora. Modificam os espaços territoriais e identitários. Desterritorializam os sujeitos. Afogam as identidades e a cultura pelo real sentido do matadouro. Convém, portanto, questionar: o que dizer de empreendimentos centrados na ganância? Até que ponto isso é sustentável? De que forma o sistema educacional pode contribuir para a garantia da sustentabilidade dos sujeitos?

A realidade de ações executadas na escola é um exemplo de como é possível articular reflexões sustentáveis. Para uma breve exemplificação, a ação de visita ao “monumento das árvores fossilizadas de Bielândia”, contida no PPP - Projeto Político-Pedagógico do Colégio

Estadual Adolfo Bezerra de Menezes<sup>53</sup>, instiga a perspectiva de se cuidar da terra com o devido esforço, como consta no diário de Silva (2015):

Na última semana do mês de novembro de 2015, os estudantes conheceram o sítio paleontológico Monumento Nacional das Árvores Fossilizadas do Tocantins –o mais completo do mundo–, localizado no distrito de Bielândia, município de Filadélfia, a cerca de 54 Km de Araguaína. [...]. Assim que chegaram ao local, tiveram uma palestra com o supervisor de conservação do sítio. [...]. O mais importante da ação foi o estímulo à educação ambiental, para que os alunos aprendam a valorizar e perseverar o monumento. (Diário de campo, SILVA, 2015, p. 5).

A realização de ações na educação básica evidencia o envolvimento de professores e estudantes com a questão ambiental. A visita ao Monumento das Árvores Fossilizadas indica essa relevância. Observa-se a constituição de um discurso de preservação. Isso implica a sustentabilidade de um lugar que guarda registros de épocas remotas, antecedendo a 250 milhões de anos.

A noção sustentável ultrapassa as fronteiras dos órgãos ambientais e abrange todos os cidadãos, exatamente para que estes percebam sua parcela contributiva em relação aos locais que visitam, inclusive os que guardam a memória histórica, como destacado ainda por Silva:

É importante observar que não adianta nada do pessoal do Naturatins, do IBAMA se esforçar – veja que é uma área muito grande – se a gente não tiver interesse em preservar. Isso é interesse da população. Ela é a principal responsável pela preservação dos locais que registram o percurso da história. (Diário de Campo, SILVA, 2015, p. 6).

O indicador dessa preservação recobra o princípio da durabilidade apontado por Hargreaves e Fink (2007). Nesse sentido, as ações desenvolvidas na escola através do PPP concentram a percepção de que a sustentabilidade não se projeta à ideia de curto prazo. Seu bojo segue a visão de ações em longo prazo no sentido de duradouras. A perspectiva constituída através de um determinado processo leva em conta os impactos que acarretarão impactos em novas gerações.

Ainda a respeito de indicadores colhidos a partir da sustentabilidade educacional, a ação de reflexão a respeito da “semana da alimentação”, estabelecida no PPP da escola já epigrafada, superou, segundo consta no relatório, a tensão quanto à ingestão de alimentos nutricionais e possibilitou a perspectiva de combate ao desperdício:

---

<sup>53</sup> A motivação para a escolha desta escola como espaço de análise e de referenciação neste artigo ocorreu porque acompanhamos a equipe pedagógica e alguns dos alunos durante a realização de uma de suas ações do Projeto Político-Pedagógico.



Nas aulas de Ciências, os alunos do Ensino Fundamental refletiram sobre a Semana da Alimentação através da produção de cartazes e de socialização de informações aos colegas de sala de aula. O foco principal levou em conta a qualidade nutricional dos alimentos e o desperdício que se deve evitar. (Relatório do PPP, 2015).

Aglutinando os pressupostos sustentáveis contidos na leitura literária e nos relatos de ações do PPP do Colégio Adolfo, nas análises sobre os cuidados com o meio ambiente, com a preservação patrimonial e com o consumo sustentável, o presente artigo defende uma reflexão voltada à provocação de cidadãos frente aos estudos de quaisquer componentes curriculares.

### **Considerações Finais**

As reflexões feitas neste artigo apontaram para a percepção de princípios, ações escolares e produção literária envolvidas com questões da sustentabilidade. O discurso que gerará novos discursos apresenta a sustentabilidade a partir do lugar de sua reflexão: a escola. A partir desse lugar, os discursos sustentáveis, se assumidos/incorporados pelos envolvidos, poderão transformar as atitudes de tais sujeitos.

Pelo contexto da reflexão inicial, compreende-se que o principal foco da sustentabilidade está concentrado na permanência de gestores escolares por longo tempo à frente da escola. Além de pedagógico, isso implica a consolidação de ações planejadas através de determinados projetos, como por exemplo, o PPP – Projeto Político-Pedagógico.

Os sete princípios sustentáveis difundidos por Hargreaves e Fink (2007), aglutinam-se, a nosso ver, às perspectivas da COM-VIDA (2004) e dos Temas Transversais (1997) para solidificarem o impacto das ações realizadas pelas escolas, inclusive a partir do estudo literário que abarca fatores do meio ambiente relacionados à proteção da fauna e da flora. Assim, a amplitude é o princípio norteador.

Considerando que, em AD, o sujeito é da ordem do simbólico, pois se constitui na e pela linguagem, que se manifesta atravessada pela ideologia, a inserção de sujeitos (que fazem a escola acontecer) em discursos como o de sustentabilidade, evidentemente, provoca oscilações nas práticas escolares. Tal processo vai reconfigurando, de um modo ou de outro, novos realinhamentos, por conta de novas exigências ou de novas possibilidades.

Isso deve ser destacado porque o tema da sustentabilidade, mobilizado numa sociedade capitalista na qual a escola se insere, é tecido por discursos contraditórios, que se enfrentam para acomodar interesses conflitantes, como desenvolvimento econômico e social, equidade no

uso dos recursos naturais e dos recursos humanos disponíveis, no intuito de defender qualidade de vida, que inclui o trabalho de todos os envolvidos na escola, com preservação do meio ambiente, no presente e no porvir. Assim, dada a interpelação ideológica que mobiliza diferentes posições-sujeito, estabelecendo disputas por meio da linguagem, essa discursivização provoca inevitavelmente tomada de posição, atitude em relação ao que os documentos, as propostas e o projeto em comento enunciam.

Desse modo, e à guisa de conclusão parcial, entendemos que as reflexões deste artigo enfocam a questão da sustentabilidade enquanto objeto que fortalece o espaço ambiental a partir da escola.

## Referências

BOGO, Fidêncio. **O quati e outros contos**. Palmas, TO: s.e, 2001.

BRASIL. **Formando Com-Vida Comissão do Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola**: construindo Agenda 21 na Escola. Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente. – Brasília: MEC, Coordenação Geral de Educação Ambiental, 2004.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Educar para sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Ed,L, 2009.

HARGREAVES, Andy. FINK, Dean. **Liderança sustentável**: desenvolvendo gestores de aprendizagem. Tradução Adriano Moraes Migliavacca. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2001. p. 61-161.

SETUBAL, Maria Alice. **Educação e sustentabilidade**: princípios e valores para a formação de educadores. São Paulo: Petrópolis, 2015.

SILVA, Rubens Martins da. **Diário de Campo**. Araguaína, 2015.

SILVA, O. P.; SANTOS, J. S. Educação linguística sustentável: ressignificando o ensino de língua materna. **Intersecções**, v.2, 2015, p.108-124.